



## O FENÔMENO INTERJEIÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Luana Járdila dos Santos Estevão (autora); Ana Carolina Celino Amorim (co-autora); Mizilene Kelly de Souza Bezerra (co-autora).

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/Campus de Pau dos Ferros. [luana\\_jardila@hotmail.com](mailto:luana_jardila@hotmail.com); [anacarolinacelinoamorim@hotmail.com](mailto:anacarolinacelinoamorim@hotmail.com); [kelly.souza.b@hotmail.com](mailto:kelly.souza.b@hotmail.com).

**RESUMO:** Considerando que o fenômeno interjeição é reconhecidamente vivo, efetivo e ativo na linguagem de todos os falantes, e tendo em vista que a linguagem é a expressão pela qual o homem consegue se constituir, objetivamos, no presente artigo, adotar e entender as interjeições como um fenômeno linguístico, considerando que ele possibilita ao homem externalizar suas emoções em diversas situações comunicativas. O trabalho em questão assume como orientação teórico metodológica principal a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). De natureza descritiva, com abordagem qualitativa, procedimentos bibliográficos e método dedutivo, este trabalho teve como suporte alguns pesquisadores, tais como Keske (2006), Perini (1997) e Tomazetto (2012). O *corpus* de análise se constitui de trechos de conversas retirados do Banco Conversacional de Natal (2011), que é constituído de amostras de língua em uso. Os dados preliminares apontam para a importância da abordagem da interjeição no ensino de língua portuguesa, possibilitando aos alunos entenderem sua relevância não apenas como mais uma classe gramatical a ser estudada. Dessa forma, constatamos que o fenômeno interjeição se realiza na enunciação, validando a capacidade de expressar atitudes afetivas e emocionais dos falantes, ficando evidente a importância da situação comunicativa como fator determinante para sua interpretação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Interjeição, Ensino, Língua Portuguesa.

### 1. Introdução

Os estudos que compreendem o campo das interjeições ainda possuem pouco espaço entre os estudiosos da língua e também no âmbito escolar, nas aulas de língua portuguesa. Em virtude da complexidade que cerca o fenômeno e da sua forte presença em nosso cotidiano, percebemos a importância de investigar a forma como esse elemento geralmente é empregado nas mais diversas situações reais de uso.

Diante dessa importância, o presente trabalho consiste em analisar a utilização de algumas interjeições para verificar, semanticamente, como elas se adequam aos diálogos e perceber as relações entre o uso de determinadas interjeições aplicadas em contextos específicos e suas definições apresentadas nas gramáticas brasileiras.

Para a realização da pesquisa, a conversa utilizada foi retirada do Banco Conversacional de Natal (2011). De natureza descritiva, com abordagem qualitativa, procedimentos bibliográficos e

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

[www.sinafro2018.com.br](http://www.sinafro2018.com.br)

método dedutivo, este trabalho teve como suporte alguns pesquisadores, tais como Keske (2006), Perini (1997) e Tomazetto (2012), buscamos verificar como uma mesma interjeição pode apresentar significados diferentes a partir do contexto em que está inserida.

Diante do que foi exposto, buscamos relacionar ao máximo os aspectos abordados na teoria com os resultados encontrados durante a investigação, percebendo as semelhanças e a relação necessária entre gramática, discurso e contexto para uma melhor interpretação do funcionamento de diversos elementos gramaticais.

Apostamos na necessidade de uma importância maior ser dirigida aos estudos das interjeições, visando não apenas reproduzir o que está exposto nas gramáticas brasileiras de língua portuguesa, mas ampliar essa visão para além do que está escrito. É necessário pensarmos na funcionalidade desse fenômeno, para só então percebermos como ele funciona semanticamente, dentro dos diversos contextos possíveis.

## 2. Interjeição: uma classe de palavras ou um fenômeno linguístico?

Os estudos que permeiam o campo das interjeições ainda ocupam pouco espaço entre os estudiosos e pesquisadores dos fenômenos linguísticos. A ideia de que as interjeições são apenas uma classe de palavras e talvez a de menos importância entre todas as outras é muito presente em diversas concepções de diferentes teóricos. A partir disso, os estudos desse fenômeno geralmente nos trazem apenas uma noção puramente pronta e acabada de seu significado, apresentando uma rápida explicação e geralmente fora de seu contexto de uso, como nos diz Caixeta (2005, p. 12)

Todos os empreendimentos quanto a uma análise mais acurada acerca desse **Fenômeno** restringem-se ao *continuum* das *partes orationis*[...] ocupa a última posição desse *continuum*, cabendo-lhe apenas uma classificação entre interjeições simples e compostas, puras e imitativas, seguida de uma lista de exemplos descontextualizados.

Dessa forma, acaba-se excluindo a noção de interjeição como fenômeno puramente linguístico, criativo, diversificado, extraordinário, para enxergá-lo apenas como uma classe de palavras pronta e acabada. Porém, não é aceitável afirmar isso, já que sem um contexto de uso específico, é inviável dizer o que determinadas expressões realmente significam, como é o caso das interjeições. É somente a partir de um contexto dentro de uma noção discursiva que se pode afirmar o que expressa determinadas interjeições, como nos afirma Caixeta (2005, p. 12) “Só dessa maneira é que se pode afirmar que a carga emotiva do “grito” *Ah!*, como o da epígrafe, é de dor, espanto,

alegria, tristeza, decepção... ou nada disso!”. Nessa perspectiva, é na pragmática, isso quer dizer, na comunicação que se explicará o sentido das interjeições, ou seja, dentro do discurso.

Partindo do pressuposto que semanticamente as interjeições se constituem dentro de uma atividade discursiva em um determinado contexto, sendo impossível afirmar o seu sentido de maneira descontextualizada, esse trabalho adotará essa visão mais funcionalista, voltada para o discurso, apontando a interjeição como um fenômeno na linguagem, capaz de mudar de acordo com a situação comunicativa em que está inserida, como nos diz Tomazetto (2012, p. 6) “[...] a linguagem dever ser concebida no espaço da interação humana, uma vez que a produção de sentidos é feita numa dada situação de uso, num contexto sócio-histórico e ideológico específico.” Afirmar, portanto, um significado pronto e acabado para as interjeições sem antes analisar o contexto em que esse está inserido é um tanto perigoso e excludente, já que necessitamos entender o seu contexto de uso. Podemos perceber que generalizar a atuação desse fenômeno é desconsiderar a sua operacionalidade e praticidade discursiva.

### 3. A língua como fenômeno dinâmico e criativo

Se observarmos a grande variedade de meios e formas que utilizamos no nosso cotidiano para nos comunicarmos dentro de uma sociedade, podemos perceber que a concepção de língua vai muito além do que costumamos perceber nos estudos da gramática normativa. A ideia de analisar e classificar os aspectos linguísticos como instrumentos prontos e acabados acaba por excluir diversas mudanças e adequações que a língua se submete de acordo com diferentes contextos. A verdade é que o homem se constitui através da linguagem, e é a partir desse mecanismo de comunicação que nos expressamos de diferentes maneiras em diferentes situações de comunicação, a depender de diversos fatores, como por exemplo: o que queremos expressar, a quem, aonde, porque, etc. Na verdade, a língua é um fenômeno criativo, dinâmico e surpreendente, e só se explica semanticamente através das situações reais de comunicação, como nos mostra Keske (2006, p. 3) “[...] está aí colocada a metáfora do diálogo, onde cada termo do processo enunciativo, em cada particularíssimo instante de cada enunciação, já requer, por si só, uma **localização contextual ativa e responsiva**. Compreender é dialogar!”.

Diante do que foi exposto, podemos classificar a língua como um fenômeno que apresenta mudanças e adequações, a depender do contexto de utilização. Podemos também percebê-la como meio de externalizarmos nossas emoções e propósitos comunicativos. Se partirmos desse

pressuposto e acreditarmos que as interjeições são fenômenos linguísticos que, de certa forma, utilizamos para transmitir emoções e sentimentos, é evidente que esses elementos também necessitam de contextos específicos de enunciação para entendermos os seus significados. A partir disso, vemos que uma mesma interjeição pode ter sentido diferente em duas situações comunicativas distintas, já que elas costumam transmitir o estado emocional que o falante se encontra, a partir de uma situação específica de uso.

Se analisarmos, por exemplo, o estudo das interjeições dentro das gramáticas e dicionários brasileiros, encontramos uma lista com uma série de palavras que são acompanhadas por seus significados mais esperados, como por exemplo: dor: ai; ui, impaciência: puxa!; arre!, embora por muitas vezes acaba desconsiderando os contextos em que esses elementos se aplicam, podendo significar emoções bem diferentes das que foram explicitadas. Ao apresentar uma rápida consideração sobre esses aspectos, percebemos a pouca importância que muitas vezes é dada aos estudos das interjeições, como nos diz Tomazetto (2012, p. 10)

Diante dessas definições e ao analisar diferentes gramáticas, entendem-se as interjeições e as locuções interjetivas, como categoria gramatical, que recebe pouca atenção dentro dos estudos linguísticos e das gramáticas. Frequentemente restringem-se a apresentar uma definição estereotipada com poucos exemplos.

Por fim, é necessário percebermos a importância desses estudos como essenciais nas pesquisas linguísticas, bem como a importância de se perceber os contextos de enunciação.

#### **4. O funcionalismo linguístico e sua importância no ensino de língua materna**

O estudo da gramática nas aulas de língua portuguesa é de suma importância para desenvolver a competência linguística dos nossos alunos. Embora os estudos gramaticais sejam indispensáveis no âmbito escolar, é necessário pensar de que forma os assuntos referentes a esses estudos são tratados nas salas de aula. Por muitos e muitos anos, o ensino estruturalista (estudo da língua de forma sistemática, que desconsidera o extralinguístico), predominou nas aulas de língua portuguesa, mais do que isso, ainda é utilizado por muitos professores de língua materna, seja por achar que essa é a única forma de estudar a gramática, ou até mesmo por se acomodar no seu espaço escolar, e dessa forma não buscar meios de propiciar um melhor aprendizado dos alunos.

Por apresentar falhas em sua praticidade e não “cobrir” particularidades gramaticais que acabam por negar alguns princípios estruturais, o funcionalismo surge como um método mais eficaz e abrangente dos estudos gramaticais, defendendo a relação entre a estrutura dos elementos



gramaticais e o contexto em que esses elementos estão inseridos, ou seja, diferentemente do estruturalismo, o funcionalismo considera aspectos extralinguísticos para explicar a forma como apresenta-se os aspectos gramaticais.

A Linguística Funcional, de certa forma, apresenta uma proposta de ensino em que a gramática se aproxima do cotidiano dos alunos, fazendo com que os alunos consigam entender a relação entre teoria e prática, pois na realidade, esse é um dos grandes objetivos do ensino. Dessa forma, o ensino da língua materna deve estar voltado às situações de uso dos estudantes, sendo necessário abordar o ensino gramatical dentro da prática discursiva para que os alunos aprendam com mais eficiência e consiga refletir a importância da gramática da língua portuguesa, e não avaliar negativamente os estudos gramaticais e pensar que eles não possuem nenhuma serventia.

Dessa forma, as ideias funcionalistas que começaram a surgir na Escola de Praga, começam a ganhar espaço nos estudos linguísticos, pois trazem um novo método de pensar a gramática e assim leva-la para o âmbito escolar. O estruturalismo de Saussure, apesar da grande importância que teve por elevar a importância dos estudos da língua, começa a ser percebido de uma forma diferente e surgem novas ideias que tentam explicar o que o estruturalismo não explicou, como nos diz Caixeta (2005, p. 45) “A base de uma gramática funcional reside na competência comunicativa do falante”. Dessa forma, podemos perceber que o funcionalismo adota o extralinguístico para explicar os diversos fenômenos da língua.

## **5. Relações entre as interjeições e as práticas discursivas.**

Diante do que foi exposto, podemos afirmar que para entendermos com eficiência os aspectos semânticos das interjeições, devemos levar em consideração o seu contexto criativo, a sua situação comunicativa, a partir de uma funcionalidade prática da linguagem, como nos diz Caixeta (2005, p. 45)

A base de uma gramática funcional reside na competência comunicativa do falante. Na corrente funcionalista, é simultâneo ao estudo da língua o estudo da situação comunicativa, o que envolve, pois, a interação do ato de fala, os envolvidos no ato (interlocutores) e o contexto discursivo. Estuda-se, também, já que o objeto de estudo é a língua, a descrição sintática e as situações discursivas em que se desenrolam as estruturas linguísticas e seus usos específicos.

A interpretação de um texto se deve principalmente aos fatores contextuais, presentes na linguagem natural, para uma perfeita comunicação entre o falante e o ouvinte. Em outras palavras,

em um texto existem componentes de um contexto linguístico e extralinguístico que uma análise meramente gramatical-lexical não poderia dar conta sozinha [...] O texto bakhtiniano se constitui em possibilidades que são facultadas ao leitor de inferir o possível contexto linguístico e as possíveis circunstâncias de enunciação, a partir do local de sua recepção.

Em uma perspectiva bakhtiniana, o receptor entenderá o sentido daquilo que é dito pelo falante, através do contexto e de suas circunstâncias comunicativas, ou seja, esse processo acontece dentro do discurso, como uma finalidade comunicativa específica. Por fim, é necessário pensarmos na funcionalidade das interjeições, visto que essas só podem ser explicadas dentro do contexto discursivo em que se encontram, e além disso, levarmos para as salas de aula a noção de interjeição voltada para a funcionalidade prática dos alunos, as situações reais de utilização.

## **6. A importância do estudo das interjeições nas aulas de língua materna**

A importância dada ao ensino das interjeições dentro das salas de aulas de língua portuguesa, ainda é relativamente muito pequeno. O assunto quase não é abordado, e quando geralmente se fala em interjeição, ainda resume-se em explicar esse elemento como uma classe de palavras, pronta e acabada, com sentido fixo e imutável e com definição exata, geralmente é focado apenas a questão emocional das interjeições. É de se imaginar tais problemas, já que pouquíssimos estudiosos buscam aprofundar-se nesses estudos, a prova é que quase não se encontram trabalhos que buscam explicar as noções desse fenômeno linguístico. Mas a verdade é que é necessário destacar a importância de levar os estudos das interjeições para a sala de aula, tendo em vista que a sociedade faz uso corriqueiramente desses aspectos, nas mais diversas situações, podendo então classificá-lo como um fenômeno ativo, frequente e que se realiza efetivamente em toda e qualquer comunidade linguística, ou seja, qualquer falante de língua portuguesa faz uso desses elementos.

Se levarmos em conta esses aspectos, podemos perceber que o uso das interjeições está presente fortemente no cotidiano dos alunos, assim é necessário trabalharmos na escola o estudo da interjeição como fenômeno linguístico e conseqüentemente, passível de mudanças e de novas criações em diferentes contextos de uso e não apenas ensinar esse aspecto como pronto e acabado, sem divergências, como é de costume nas aulas de língua portuguesa, como nos diz Perini (1997, p. 85 apud CAIXETA 2005, p. 33)

para quem gosta de certezas e seguranças, tenho más notícias: a gramática não está pronta. Para quem gosta de desafios, tenho boas notícias: a gramática não está pronta. Um mundo de questões e problemas continua sem solução, à espera de novas idéias, novas teorias, novas análises, novas cabeças.

Diante dessa perspectiva, nos colocamos diante de uma problemática que surge: levar para nossos alunos o ensino sistemático, imutável, pronto e acabado da língua como sugere o estruturalismo, ou embarcar o desafio de procurar meios, formas e ideias que levam o aluno a refletir sobre a língua, suas particularidades, seus contextos de uso e mudanças. É necessário buscar maneiras de fazer os alunos aprenderem (e os professores também aprenderem, já que a aprendizagem se constrói na relação professor e aluno) de forma eficaz e segura os estudos gramaticais, já que durante as nossas relações cotidianas, podemos perceber que realmente esses conceitos não estão prontos e acabados, como é abordado nos estudos da linguística funcional.

O professor de língua portuguesa deve estudar e procurar métodos de ensino que sejam desafiadores, mas que sejam proveitosos, criativos e empolgantes para os alunos. Se tentarmos sistematizar o ensino de língua e trata-lo como pronto e acabado, geralmente não teremos um bom retorno de nossos alunos, pois geralmente eles não conseguem relacionar o que aprenderam na sala de aula com as suas vivências diárias, abrindo espaço para comentários do tipo: “português é chato”, “não entendo nada disso”, para que isso serve?” etc. Dessa forma, não estaremos contribuindo para um aprendizado eficaz do aluno, mas sim o distanciando cada vez mais da realidade em que vive com aspectos gramaticais, sendo que na verdade estão estritamente interligados.

Devemos pensar meios de trabalhar o assunto com os nossos alunos, de forma que eles realmente entendam o que são interjeições e possam levar para suas vidas práticas e situações comunicativas reais de uso. É necessário trabalhar de forma contextualizada esses aspectos, dentro do texto, e não a partir de frases isoladas, como nos diz Tomazetto (2012, p. 11)

Ensinar os conteúdos formais da gramática de uma língua de maneira motivadora, interessante, criativa e sempre interligando aos gêneros textuais, é preciso que se atenda a necessidade dos alunos e venha a ocorrer o processo de aprendizagem de forma interpretativa e produtiva. Dessa forma, a gramática precisa ser trabalhada com textos, para que os alunos tenham um entendimento maior da linguagem e venha a se comunicar de forma eficaz, pois sabemos que nos comunicamos através de gêneros textuais.

Para conseguirmos levar os nossos alunos a um entendimento maior e realmente relevante do que se trata as interjeições e qual a finalidades delas, é necessário utilizarmos maneiras de relaciona-las com as situações reais de uso dos alunos, dando enfoque sempre ao contexto, a prática

discursiva. A partir disso, fica claro que o sentido das interjeições criam-se a partir do diálogo, do discurso, daquilo que o falante realmente quer expressar a partir de seus sentimentos em determinada situação comunicativa.

Para analisarmos a forma como o fenômeno linguístico da interjeição se comporta dentro das práticas discursivas, fizemos uma pesquisa a partir do banco conversacional de Natal, para confirmação prática do que foi exposto.

## 7. Funções, características e análise das interjeições

Como discutido anteriormente, entendemos que as interjeições possuem um papel textual discursivo. Assim, este trabalho apresenta uma análise funcional, ou seja, baseada no uso da língua e do sentido que pretende-se expressar. Trata-se de recortes de trechos de conversas retiradas do Banco Conversacional de Natal (BCN) (2011). Analisamos as interjeições considerando a sua implicância como um fenômeno linguístico, viabilizando a inserção deste fenômeno no ensino de língua portuguesa.

Sabendo-se que existem fatores importantes que nos possibilita identificar uma interjeição em qualquer enunciado, podemos perceber que um dos principais é a entonação, pois qualquer falante ao pronunciar uma interjeição, fará isso utilizando um tom de voz irregular, de maneira não proposital, e sim automática, uma vez que todo e qualquer falante ao transmitir enunciados que sejam carregados de emoções e sentimentos afetivos, não o fará de maneira diferente. Outra característica das interjeições são as diversas funções que elas podem expressar, pois tratando-se de uma linguagem afetiva, utilizamos as interjeições corriqueiramente para dar ordens, proibir algo, agradecer, indicar espanto, contrariar e entre outros tantos objetivos que o falante pretender alcançar. Quanto ao formato, vimos que as interjeições se apresentam de formas diferentes podendo se manifestar como sons vocálicos (gritos). Ex.: Ai!, Ah!, Ui!; podem aparecer na forma de palavra ou frase. Ex.: Parabéns!, Nossa!, Bom!; e podem aparecer como locução interjectiva (grupo de palavras) que juntas conseguem exprimir uma atitude emocional. Ex.: Ai meu Deus!, Quem me dera!, Se Deus quiser! etc.

Analisamos as interjeições em sua manifestação oral e, conseqüentemente, percebemos que uma mesma interjeição pode apresentar sentidos diferentes, e o que vai determinar este sentido é a sua aplicação em um determinado contexto, ou seja, a interjeição só pode ser classificada a partir da função que exercer na situação comunicativa em que ocorre, o que torna a situação de uso e a



aplicabilidade na interação humana fatores imprescindíveis para a obtenção de sentido e de função exercida pelas interjeições. Isso nos leva a entender que a situação discursiva deve ser tomada como base para a compreensão das interjeições.

### 7.1 Análise interpretativa do fenômeno interjeição

A análise é constituída a partir da conversa 1, do BCN (2011), uma situação da modalidade oral, em que o tipo de interação é feito face a face, o gênero em questão é um diálogo entre 4 alunos da graduação do curso de Letras, na biblioteca da UFRN. Neste *corpus* não se indica o ponto de exclamação, ou seja, frases exclamativas, como é o exemplo das interjeições, não são acompanhadas da exclamação, o sinal de reticências (...) substitui todos os sinais específicos da língua escrita. Para preservar a identidade dos falantes, identificamos, assim como no *corpus*, os falantes como F1, F2, F3 e F4. Nesta análise, vimos que uma mesma interjeição é utilizada para expressar sentimentos diferentes. Vejamos o primeiro exemplo:

F1 “[C...] ah... pensei que ela num tinha visto...”

F1 “ah[J...]a única maneira que tem é essa...”/

F1 “ah... agora o terceiro vai ser bom...”

Ao analisarmos esses dois trechos de conversa, podemos perceber que a interjeição “ah” foi utilizada por um(a) mesmo(a) falante durante uma mesma conversa indicando ideias diferentes. No primeiro trecho a interjeição foi utilizada pelo(a) falante no sentido de justificar um pensamento errôneo, ou seja, um engano. Já no segundo trecho podemos entender que a interjeição foi utilizada no sentido de lamentação por não haver outra alternativa. E, ainda, no terceiro trecho a interjeição está indicando a ideia de alegria. Vejamos outros fragmentos para análise:

F2 “vixe... arrasou comigo...”

F2 “vige tem tanta/tem danone...  
tem um monte de coisa...”

F1 “aí você vê...  
vige maria...  
tem pano pra manga viu...”



you selecting two types...  
two means of communication...  
it already gives a good job...”

Still in the same conversation, we verify the use of the interjection “vixe!”/“vige” which are phonetic corruptelas of the word “virgem” and this is the reason for, many times, this word coming accompanied by “Maria”, forming an interjective conjunction, very used by us speakers (mainly from some northeastern regions), “vixe Maria!” generally expressing the idea of surprise or shock, which is what happens in the second excerpt of F2 and in the excerpt of F1. However, in the first excerpt of F2, we can perceive that the interjection was used causing the effect of an exaggerated response from the interlocutor. Let us see other fragments for analysis:

F2 “L. hein? “

F1 “tenha dó...”

F2 “L. é barra...”

F3 “eu gosto dela...”

F1 “de L.?”

she can be a little... but...”

F1 “ei...”

what that C. passed for today...

hein?

one day I came on Friday...”

We can see here another example of the same interjection expressing different meanings. The interjection “hein/hem” was used in the first fragment presenting a meaning of admiration or indignation, since F2 shows indignation for F3 preferring and liking the discipline L. Differently from the second fragment, where the interjection was used by F1 to express his inquiry, his doubt in relation to what was passed by the professor. Let us see another example with an interjective locution:

F1: everything is like that when it is like this...  
more complicated because it ends...  
you stay “ai meu Deus...”

“num vô conseguir trabalhar isso...”  
mais no fim consegui...  
mulhé::...

F2: ai meu Deus...

tô com a consciência pesada...  
porque o que é açúcar...]  
engorda...  
vamo dizer assim...

Assim como nos exemplos anteriores, a locução interjectiva foi usada duas vezes na mesma conversa indicando sentidos diferentes. No primeiro fragmento F1 fez uma demonstração do que falaria numa situação ao se deparar com a leitura de um texto complicado, utilizando a locução para expressar ideia de medo por não conseguir interpretá-lo. Já no fragmento de F2 o(a) falante empregou a interjeição no sentido de lamentação ou arrependimento por ter comido algo que o(a) fizesse engordar.

A gramática tradicional classifica as interjeições de acordo com o sentido que elas expressam, baseando-se em critérios semânticos e não morfológicos. Essa classificação acaba se tornando alvo de muitas críticas e indagações, pois, assim como vimos a partir da análise feita neste trabalho e de acordo com o uso cotidiano que fazemos da língua, ficou evidente que “Pode-se, é claro pronunciar a mesma palavrinha favorita com uma infinidade de entoações diferentes, conforme as diferentes situações ou disposições que podem ocorrer na vida.” (BAKHTIN, 1981, p. 101), o que reforça ainda mais a importância de considerar-se o valor do uso linguístico que fazemos para melhor compreender as expressões e os diversos significados que elas podem apresentar a depender do contexto de aplicação e com isso facilitar os estudos gramaticais, tendo como objetivo principal levar o aluno a perceber que a gramática que é estudada nas aulas de língua portuguesa não é diferente da linguagem que ele faz uso (inconscientemente) todos os dias.

A interjeição por si só apresenta um caráter expressivo relevante, e nós ao fazermos uso das interjeições, temos sempre a intenção de causar uma reação instantânea no momento de ocorrência do enunciado. Assim, percebemos que o fenômeno da interjeição está à disposição da intencionalidade dos falantes de expressarem funções emotivas diferentes. Isso implica compreender o fenômeno da interjeição como uma manifestação puramente linguística que contribui na fala garantindo maior expressividade na construção de sentido entre os interlocutores.

## 8. Conclusão

Verificamos que ao classificarmos as interjeições de acordo com o seu sentido isolado, ou seja, sem sua aplicabilidade e sua função pragmática, estamos reduzindo a sua riqueza semântica e indo de encontro a constatações equivocadas e que não suprem a interatividade da língua, nem tão pouco as necessidades dos falantes. Entendemos, então, que a humanidade comunica suas emoções e que a situação comunicativa é que determina a manifestação linguística das interjeições, possibilitando-nos interpretar e entender o sentido pretendido pelo falante ao utilizá-la.

Fica bastante evidente que há uma dificuldade de entendimento da abundância linguística que as interjeições apresentam e, infelizmente, não temos em número considerável professores de língua portuguesa que detenham-se a propor estudos e práticas em salas de aula que realmente procuram abordar o estudo das interjeições com atenção voltada para a sua função linguística, colocada em situação real de uso, sendo este o fator crucial e determinante para um ensino de língua dinâmico.

### Referências:

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec. 1981.

CAIXETA, G. F. **Macacos me mordam! Interjeição: uma classe no limbo do sistema linguístico do português brasileiro**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

CUNHA, M. A. F. da. (Org.) **Banco Conversacional de Natal** [recurso eletrônico]. Natal, RN: EDUFRN, 2011.

KESKE, H. I. **AVENTURAS DA SIGNIFICAÇÃO: Bakhtin e Eco à procura do signo deslizante**. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

TOMAZETTO, S. A. **As interjeições nas “tiras em quadrinhos”**: uma reflexão semântico-pragmática. Minas Gerais: Vozes dos Vales, 2012.